

A ROSA DO POVO E O PROBLEMA DO TERMO ‘HISTÓRIA’ EM SUA FORTUNA CRÍTICA

Prof. Ms. Cristiano Augusto da Silva Jutgla (USP)¹

1. O estado da questão

Ao longo de seus mais de sessenta anos, **A rosa do povo**, publicada em 1945, consagrou-se como uma das principais obras da poesia brasileira. Uma das razões para tamanho reconhecimento reside talvez no diálogo tensamente configurado do sujeito lírico drummondiano com questões centrais de seu tempo, em especial com a história brasileira e européia, aspecto este freqüentemente anotado em sua fortuna crítica, que vai da segunda metade dos anos 40 até o final da década de 80. É importante ressaltar que, nas interpretações clássicas de **A rosa do povo**, o termo ‘história’ é empregado sem maiores discussões específicas; até onde pudemos notar em nosso levantamento parece não haver estudos acerca da configuração deste conteúdo.

A partir da segunda metade dos anos 90, surgem trabalhos que se detêm sobre o problema da lírica e da história por meio de uma perspectiva diversa das tradicionalmente encontradas nos estudos anteriores, caracterizam-se estas novas leituras por terem recortes mais específicos. Um exemplo é a temática do autoritarismo, que, nas pesquisas mais recentes, têm chamado a atenção pela importância no conjunto da obra. Com o objetivo de situar o leitor razoavelmente o estado da questão, no tocante às relações entre **A rosa do povo** e o autoritarismo nas décadas de 30 e 40, faremos um sucinto levantamento na fortuna crítica do autor. Partamos do crítico Sérgio Milliet, o qual, no ano de lançamento da obra, já ressaltaria sua especificidade:

A quem acompanha com carinho e fé a evolução poética de Carlos Drummond de Andrade, seu livro “A Rosa do Povo” traz uma sensação de euforia.(...) Sua poesia, hoje madura e nobre, perdeu aquela graça leve da primeira fase para adquirir uma beleza mais serena, um equilíbrio que tira sua solidez da verticalidade de suas raízes. Aquele humor (aquele sarcasmo) antigo caiu como uma fantasia usada para pôr a nu a tristeza de uma solidão irremediável. (MILLIET, 1981 [1945], p.19)

Milliet, analisando a trajetória do escritor sob um esquema de fases, percebe em **A rosa do povo** uma suspensão do elemento irônico, presente nos primeiros livros de Drummond, a favor de um esforço que põe, conforme palavras do crítico, “a nu a tristeza de uma solidão irremediável” de um sujeito lírico que se volta para um tempo marcado por acontecimentos históricos de grande impacto na vida brasileira como a ditadura de 1930-1945, a qual se caracterizou por um Estado autoritário, de forte intervenção estatal nos campos político, econômico e social.

Álvaro Lins, “imperador da crítica brasileira” nos anos 40, segundo o próprio Drummond, assim recebe o livro:

¹ Universidade do Estado da Bahia – DCHT – Campus XX. E-mail: unebteoria@yahoo.com.br

O principal acontecimento poético do ano de poesia 1945 foi sem dúvida a publicação de *A Rosa do Povo*, do Sr. Carlos Drummond de Andrade. Vejo antes de tudo nesta coleção dos seus últimos poemas, um movimento no mais fundo da zona subterrânea da criação, um conteúdo dramático que não decorre só da qualidade da poesia em si mesma, mas também dos seus elementos de contradição, fazendo crescer assim o ritmo da dramaticidade, no espetáculo de um poeta que procura equilibrar e fundir artisticamente duas tendências que o apaixonam numa época de agitações e divisões extremas, bem difícil para os anseios de equilíbrio e paz. (LINS, 1947, p. 83)

Neste trecho, percebe-se uma recorrência interessante de expressões de um mesmo campo semântico que, em certa medida, fazem referências ainda que de passagem, à importância da temática histórica no livro, quais sejam: “conteúdo dramático”, “elementos de contradição”, “o ritmo da dramaticidade”, “época de agitações e divisões extremas”. Dizemos interessante, pois todas estas referências, apesar de não haver um aprofundamento por parte do crítico, destacam na obra a marca da tensão, advinda da contradição, da dramaticidade. O próprio Álvaro Lins, apesar de ter recebido a pecha de ‘impressionista’, compreende de modo acurado os poemas de 45 como um esforço de “equilibrar e fundir artisticamente duas tendências”, a que mais adiante, dará nome:

Procuram aqui [na obra] um plano de harmonia e ajustamento a consciência política do homem e a arte do poeta. Para que não se exteriorize uma em panfletos ou papéis de propaganda, perdendo-se a obra nas declamações de uma eloquência prosaica e oportunista, e para que não se confine a outra no puro artifício da arte pela arte ou nos requintes do virtuosismo, isolando-se a obra no simples jogo esquemático de vocábulos que bastam a si mesmos pelos efeitos de atritos e conjugações, o Sr. Carlos Drummond de Andrade desenvolve a sua vigilância com uma lucidez implacável. (LINS, 1947, p. 83)

Para além da polarização de Álvaro Lins entre arte engajada (panfletária) versus esteticismo (arte pela arte), notamos que o crítico suscita novamente as contradições constitutivas dos versos drummondianos, pois, embora, mantendo seu *modus dicendi* de não aprofundar as idéias, ele também fala de história, de dificuldades e agitações de uma época presentes nos versos do poeta mineiro. Sérgio Buarque de Holanda, em texto de 1952, tece breves comentários a dois momentos da linguagem obra de Drummond, nomeadamente, aos livros **A rosa do povo** e a **Claro enigma**:

O exercício ocasional de um tipo de poesia militante e contencioso terá servido para purificar ainda mais uma expressão que já alcançara singular limpidez. Mas o impulso que o levaria a superar essa poesia militante não chegaria nele a abolir a preocupação assídua do mundo finito e das coisas do tempo. (HOLANDA, apud BRAYNER, 1978, p.185)

Ao dizer “tipo de poesia militante”, Sérgio Buarque faz referência ao livro de 45, contraposto a um movimento de “purificação da expressão” com o livro de 1951. Contudo, neste pequeno trecho destacamos a segunda parte, iniciada de maneira

adversativa, posto que o crítico afirma que a mudança na linguagem drummondiana não se traduziu em uma abolição dos problemas históricos.

Candido, em 1965, ressaltaria também a importância da matéria histórica na constituição do livro, compreendendo que a tematização dos conflitos sociais e políticos em **A rosa do Povo** é resultado de um processo na poesia do escritor mineiro que já se iniciara em meados dos anos 30:

Essa função redentora da poesia, associada a uma concepção socialista, ocorre em sua obra a partir de 1935 e avulta a partir de 1942, como participação e empenho político. Era o tempo da luta contra o fascismo, da guerra de Espanha e, a seguir, da Guerra Mundial — conjunto de circunstâncias que favoreceram em todo o mundo o incremento da literatura participante. (CANDIDO, 1995 [1965], p.125)

Iumna Simon no final dos anos 70 percebe a tensão presente em **A rosa do povo** devido a seu embate na busca por encontrar, em seu discurso estético, uma expressão para problemas de seu tempo:

Em **A rosa do povo**, publicada em 1945, contendo poemas escritos entre 1943 e 1945, o poeta atinge o clímax da prática participante — já esboçada em *Sentimento do mundo* (1935-1940) quando o “tempo presente” se instaura como matéria do poema — ao mesmo tempo que atinge a consciência mais profunda da “crise da poesia” (SIMON, 1978, p.52-3)

Nos anos 80, Gledson, em consonância com a fortuna crítica anterior sobre **A rosa do povo**, reafirmaria esta consciência de Drummond sobre a história na obra de 1945, posição esta que dialoga com a de Simon, no tocante a uma busca por uma poesia capaz de discutir impasses marcados no tempo e no espaço:

Aqui [em **A rosa do povo**], sobretudo, Drummond está consciente da importância e do alcance de sua poesia, da sua capacidade de refletir o mundo contemporâneo, de exprimir os sentimentos não só dele mesmo como também de seus semelhantes. (GLEDSON, 1981, p. 163)

Adentrando o século XXI, em 2002, Arrigucci Jr. reforçaria a existência de uma perspectiva crítica nas relações entre história e poesia; ainda que de maneira pouco marcada, isto é, sem dizer onde e quando tal diálogo se processa, o crítico tende em sua análise para uma compreensão do problema como um traço geral, comum a toda obra lírica do escritor:

Desde o início, o conteúdo de verdade da poesia de Drummond, como em toda grande poesia, é histórico até o mais fundo e não se separa do problema de sua configuração formal ou da consciência do fazer que sempre o acompanha. E não é histórico porque reproduza fatos históricos, que podem até eventualmente estar referidos ou aludidos nos poemas — “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente” —, mas porque revela uma consciência verídica da experiência histórica entranhada profundamente na subjetividade e na própria forma poética que lhe deu expressão. (ARRIGUCCI JR., 2000, p. 102-3)

Cabe destacar, apesar de um breve senão acerca da generalização a toda obra drummondiana, que o crítico toca em um aspecto central para o presente estudo: o problema da história não “se separa do problema de sua configuração formal ou da consciência do fazer que sempre o acompanha”. Esta relação constante entre história e poesia se aproxima do que diz Adorno:

O carácter ambíguo da arte enquanto autônoma e como fait social faz-se sentir sem cessar na esfera da sua autonomia. (...) Os estratos fundamentais da experiência, que motivam a arte, aparentam-se com o mundo objectivo, perante o qual retrocedem. Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes de sua forma. (ADORNO, 1988, p. 16)

A idéia de Adorno, segundo a qual há uma relação entre “antagonismos não resolvidos da realidade” e a forma da obra de arte, guarda diversos pontos em comum com os poemas de Drummond escritos em 1945. Exemplo desta relação dialética entre realidade e criação, apontada pelo filósofo alemão, aparece na atitude constante e multifacetada em **A rosa do povo** de se negar imagens e conceitos massificadores divulgados à exaustão pelo Estado Novo, tais como ‘nação’, ‘pátria’, ‘país’, ‘trabalho’, ‘progresso’. Ato discursivo que, por meio da condição negativa e melancólica de seu sujeito lírico, significa rejeitar uma concepção totalizadora e homogênea do mundo.

O impacto destes poemas assusta devido não só à sua perspectiva de luta quase quixotesca no tocante à desproporção das partes em combate contra o autoritarismo, mas pelo choque que sua leitura ainda hoje nos causa, graças à potência crítica de seu sujeito lírico; esta crítica constrói-se, paradoxalmente, sobre “uma forma nova e assustadora de desumanização e reificação.” (GINZBURG, 2002, p. 144)

Entendemos que esse desfile de imagens inconstantes, de estilhaços de consciência, misturados a variações que vão do desespero ao silenciamento, apresentam-se como discursos heterogêneos. Estamos diante de uma diversificada produção enunciativa, que rompe com a idéia maniqueísta, redutora e idealizada de política como superação, via revolução, das injustiças e desmandos humanos. Ora, é neste emaranhado de imagens, metáforas, comparações, construções surrealistas, rupturas, silenciamentos que seus versos vão deixando um leve rasgo por onde entrevemos uma breve, porém quase insuportável, prova de nossa violenta formação histórica. Em outras palavras, este arsenal de construções inesperadas nestes poemas implode o olhar comum, alienado, que não estranha o mundo visível, público e oficial.

2. Novas perspectivas na fortuna crítica de *A rosa do povo*

Conforme indicado no início deste capítulo, a partir de meados dos anos 90, os debates sobre a lírica drummondiana têm se pautado por mudanças nos enfoques e problemas quando comparados à fortuna crítica anterior. Este novo fato na recepção do escritor mineiro não invalida nem supera trabalhos anteriores; interessa-nos outros caminhos e abordagens, uma vez que estudos mais recentes lançam olhares para aspectos pouco trabalhados no tocante às relações entre os poemas e seu complexo contexto de produção e recepção. Neste subitem faremos comentários breves sobre os referidos estudos no intuito de elaborar um panorama, ainda que incompleto, do teor e perspectivas neles empregados. De início, indicamos os trabalhos de Marques (1998),

Camilo (2000) e Ginzburg (2002) como exemplos de novas perspectivas analíticas; seus estudos se pautam pela compreensão de que o problema do diálogo entre sujeito e a história brasileira em **A rosa do povo** exige instrumentos e categorias de análise pouco empregadas ou estranhas à tradição crítica brasileira.

Diferentemente das interpretações consagradas, estas leituras mais recentes do livro de 45 desviam o debate sobre os enquadramentos tradicionais que entendem o problema da história como um fator de uma fase política ou engajada de Drummond, a qual seria precedida de uma fase irônica e sucedida de outra, metafísica (TELLES, 1976), para citar um modo de abordagem de análise bastante conhecido.

Os três pesquisadores apontam nos poemas de 45 um trabalho poético inovador devido à consciência crítica do sujeito lírico sobre os impasses históricos e psíquicos na sociedade brasileira advindos do processo de modernização conservadora nos anos 30 e 40. O produto, por assim dizer, desta forma e conteúdo são poemas que realizam uma espécie de ruptura, com a tradição da lírica brasileira, bastante demarcado no final de “Nosso tempo”:

O poeta
declina de toda responsabilidade
na marcha do mundo capitalista
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas
promete ajudar
a destruí-lo
como uma pedreira, uma floresta,
um verme.

Versos como os acima abrem possibilidades diversas de aproximação crítica aos pesquisadores para além da “fase engajada”, uma vez que categorias tradicionalmente empregadas sobre **A rosa do povo** parecem ter dado conta de certas demandas para um determinado momento dos estudos sobre esta obra, mas não para seus debates atuais.

Em outras palavras, os poemas são construídos por uma trama tensa entre texto e contexto, a qual escapa à visão de obra como ‘espelho’ ou ‘representação’ de demandas históricas de alto impacto traumático na vida brasileira como o Estado Novo, bem como outras colocadas em segundo plano pelos discursos oficiais. Nesse sentido, estudiosos têm atentado para categorias e temas apenas recentemente trazidos à baila na obra do poeta mineiro como a melancolia:

O tema da melancolia, com suas variantes, é recorrente na poesia de um expressivo grupo de poetas mineiros, atuante nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta, o que permite tomá-lo como uma metáfora esclarecedora das relações do poeta com o mundo moderno e com o lugar problemático que lhe cabe no espaço da modernidade. **Particularmente quando se trata de uma modernidade tardia, que parece se realizar de forma truncada e inacabada em espaços periféricos, como reflexo de um projeto de modernidade entretanto, o incita à resistência, à luta com as palavras.** Em busca da “rosa do povo”. Mas o poeta está melancólico. (MARQUES, 1998, p. 159-160)

Mais adiante, Marques (1998, p.159-160), após levantar alguns traços da melancolia em outros poetas mineiros como Abgar Renault, Henriqueta Lisboa e Octávio Dias Leite, faz a seguinte afirmação sobre a poética de **A rosa do povo**:

Diria então que o olhar melancólico de Drummond tem a sua matriz nessa tarefa atribuída ao poeta, ao intelectual, de dar uma alma ao Brasil. **Ou seja, em termos do Estado Novo, em construir uma imagem pedagógica e totalizante do país.** Tarefa cujos impasses e dificuldades Drummond já parece antever. E o que o confronta com um difícil dilema: nacionalismo ou universalismo. (MARQUES, 1998, p.170-1)

Outro aspecto também discutido diz respeito às condições de recepção destes poemas na segunda metade da década de 40; de acordo com Ginzburg (2002):

O ambiente intelectual em que os textos de Carlos Drummond de Andrade circulavam, entre 1930 e 1945, era problemático e contraditório. É importante, para refletir a respeito da importância da produção do poeta, considerar os critérios de prestígio intelectual desse período. **Longe de encontrar um campo político receptivo, Drummond estabeleceu um diálogo crítico, lúcido e articulado, marcando sua contrariedade com relação aos discursos autoritários que recebem reverência dentro da elite econômica e política.** (p. 143-4)

O “ambiente problemático e contraditório” não recebeu destaque na fortuna crítica dos anos 40 aos 80; na verdade, encontramos de maneira recorrente a referência a um público *in abstracto*, o qual concordaria com a ousadia experimental e ao mesmo tempo cuidadosa desses poemas, fato que, segundo o trecho citado, não sugere ser condizente.

Ora, não seria forçoso defender que esta idéia não se sustenta. Grande parte do público letrado, excetuado pequeno número de intelectuais e leitores afins a seus poemas, é formado por pessoas de educação bacharelesca, conservadora, ligadas a oligarquias e a partidos políticos tradicionalmente no poder. Torna-se, assim, praticamente impossível crer que haja em **A rosa do povo** um projeto consoante ao Estado Novo, ou às idéias fascistas de um intelectual como Francisco Campos. Pelo contrário, não são poucos os poemas de em que o sujeito lírico dialoga com as precárias condições de constituição do sujeito na modernidade brasileira, tomemos trechos de alguns bastante conhecidos:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

A flor e a náusea

Manhã cedo passa
à minha porta um boi.
De onde vem ele
se não há fazendas?

Episódio

Medo, indecisão, ruína. Estas e outras imagens, marcadas pela incompletude, pela fragmentação, formatam um impasse do sujeito frente a um mundo ameaçador que não o acolhe, deixando-o em uma sensação de abandono. Haveria, conforme as imagens poéticas deixam entrever, uma forte consciência por parte do autor quanto ao público

letrado dos anos 30 e 40, marca que trouxe conseqüências diretas para a recepção de sua obra. O livro apresenta em seus poemas sulcos de uma lida constante com dois problemas de forma advindos de sua preocupação com o contexto histórico, problema que nos remete a duas perguntas: 1) Como dar forma poética a um ‘tempo e uma vida pobres’? 2) Como tematizar experiências desumanizadoras como duas guerras mundiais, sucessivos golpes de Estado na história brasileira e temas não tão públicos e menos palpáveis como o próprio autoritarismo em curso diante de seus olhos?

Os poemas mostram Drummond a construir um caminho pautado por diversas estratégias discursivas inconstantes e híbridas, as quais, no plano do conteúdo, apresentam uma gama de ações e estados de espírito do sujeito na modernidade e do sujeito lírico: resistência, estagnação, melancolia, desejo de morte, solidariedade, esperança, angústia, utopia. Os referidos estados de espírito não aparecem como ‘puros’ ao longo do livro, por diversas vezes nem mesmo dentro de um mesmo poema; são construídos de maneira imbricada, mostrando também um intenso processo crítico e reflexivo nos próprios textos. Por exemplo, em uma situação de censura, uma estratégia mais explícita é a poetização de temas e demandas de seu tempo histórico, permitidos em praça pública, como a Segunda Guerra Mundial. Não parece haver contradição em os poemas terem sido elaborados por uma linguagem mais próxima do discurso “prosaico” (LIMA, 1968, p.176) como “Carta a Stalingrado” ou “Telegrama de Moscou”.

Outra estratégia perceptível em alguns poemas é a alegoria presente sobretudo nos que tratam de assuntos aparentemente cotidianos, sem ligação direta com os fatos históricos mais imediatos; ela se caracteriza por um sentido bastante diferenciado da estratégia anterior, pois não lida com temáticas públicas permitidas pela censura como a Segunda Guerra Mundial; seu ‘esquema’ de burla ao pensamento conservador é se voltar para questões escondidas dos discursos oficiais como o autoritarismo nas relações familiares, em “Caso do Vestido” ou entre classes, em “Morte do leiteiro”, analisados em capítulo mais adiante. Entendemos que estas duas estratégias discursivas - exposição e alegoria - divergem dos discursos oficiais sem criticá-los diretamente, por este meio escapam à censura dos leitores conservadores dos anos 40.

O sujeito lírico situa-se em um permanente risco de ser censurado, uma vez que, como se verá nas análises adiante, seus poemas, por meio de um jogo intrincado de elaborações (inesperadas para a tradição poética brasileira, até mesmo para seus pares modernistas), não compactuavam com as idéias oficiais de uma nação homogênea e branca apregoada pelo governo brasileiro. (TUCCI-CARNEIRO, 1995). Nesse âmbito, as variadas experimentações de seus poemas constituem-se em estratégias de reação e resistência que abrem, por sua vez, várias outras trincheiras discursivas, estranhas às expectativas do leitor afinado ao *establishment* bem como à produção poética da época.

Além de evitar choques frontais com a direita autoritária, Drummond também escapa ao pensamento maniqueísta da esquerda, da qual o poeta sofreu pesadas perseguições por discordar da patrulha ideológica a ele imposta. Com sua escolha o escritor mineiro procura escapar do imaginário comunista, de um lado o poeta alienado, que se fecha em sua dor, de outro o poeta revolucionário, que luta contra a opressão, consciente de seu compromisso com o povo. O problema transpõe a mera bipolarização. Tanto que em **A rosa do povo**, o sujeito lírico volta suas reflexões sobre sua condição fragmentada:

Nesse período, ganha espaço em Drummond a construção de imagens de uma vida menor, de uma constituição precária do sujeito. Com as várias formas em que representou essa precariedade, Drummond elaborou um forte campo reflexivo voltado para o impacto

da opressão social e política. Encontramos em sua produção imagens do indivíduo que não consegue agir, da dificuldade de se relacionar com a expressão lingüística, da fragmentação das referências, da presença constante de sinais de destruição e morte. Nesse contexto, a fragilidade se vincula ao medo, tema central de um de seus principais poemas. A vulnerabilidade se associa com o processo de modernização social, que se fortalece nesse período, tendo como consequência uma forma nova e assustadora de desumanização e reificação. (GINZBURG, 2002, p. 143-4)

Outro trabalho que merece atenção é **Passos de Drummond** (VILLAÇA, 2006) tanto pela acuidade e paciência analítica quanto pela saudável revisão de questões-chave como o *gauchismo*, presente em toda a lírica do escritor mineiro, mas que, tal como o conceito ‘história’, tornou-se uma espécie de lugar comum na fortuna crítica, servindo igualmente como um trunfo interpretativo estanque. Por se tratar de obra densa, de amplo arco temporal, nos deteremos um pouco mais. Nesse âmbito, destacamos que, no tocante ao *gauche*, elemento tão caro a Drummond, Villaça percebe profundas variações de um livro para outro, isto quando não de um poema para outro, característica que intensifica o que o autor chama de “dramática insuficiência”, “incompletude”:

A compreensão da poesia de Drummond pede o reconhecimento do eixo básico de tensões, no qual ela se sustenta em seus mais variados movimentos. Tal reconhecimento é delicado e sujeito a algum reducionismo, já que pretende distinguir o que seria permanente em meio às múltiplas polarizações de atitudes, temas, humores, estilos do poeta. (...) Quem fala em “eixo de tensões” dá de barato a inclinação dramática da personalidade do poeta e as oscilações que se realizam em sua linguagem; mas que específico drama em movimento anima essa voz moderna, entre as mais intensas da poesia do século XX? (VILLAÇA, 2006, p. 136)

Na mesma linha da “falta”, há referências à outra categoria que, embora não seja, um traço exclusivo de Drummond, se mostra bastante demarcada em sua lírica, sendo comentada de maneira mais breve por Villaça. Neste trecho, nos termos em que o pesquisador fala de fragmentação, é impossível não perceber a interlocução com a Escola de Frankfurt, especialmente com Adorno e Benjamin:

É difícil falar do fragmentário sem despertar alguma alusão às danificações do tempo, do espaço e da vida modernos. O fragmentário foi elevado a categoria estética da modernidade, espelhando perspectivas distintas e simultâneas, percepções dissonantes, experiências de fratura. Como já vimos, o poeta Drummond surgiu em livro expondo as arestas incongruentes de sua personalidade, de seu estilo, de seu mundo. (VILLAÇA, 2006, p. 118)

Temos, portanto, uma abordagem singular já que não compreende *gauche* ou a dramática insuficiência como categorias complexas que *não* se apresentam de maneira igual ou estanque ao leitor em qualquer poema; existe uma variação² que permite a Villaça chamar a estas mudanças (às vezes bruscas, às vezes sutis, dentro de uma mesma categoria) de “estratégia estilística” (VILLAÇA, 2006, p. 57). Isto ocorre porque a análise realiza-se no interior do texto para só após bem detalhadas as coisas ir-se para

a interpretação global. Trata-se de dois movimentos em suas reflexões: um, específico, pois só afirma o que de fato e de direito encontra nos textos de Drummond; o outro movimento é geral, uma vez que, a partir dos elementos configuradores do poema, percebe que estes guardam profunda relação com problemas sociais do país e do mundo; vejamos este trecho de sua análise de um poema central do autor de *Claro enigma*:

Poema brasileiro dos anos 50, “A máquina do mundo” continua muito a dizer-nos muito sobre as ilusões do Iluminismo mais arrogante, das pretensões totalizadoras, das promessas de que, em algum lugar, concentra-se toda a nossa verdade — verdade que nos oferece, chamando-nos para dentro de si mesma, com recursos refinados de persuasão e propaganda. Nos anos da Guerra Fria, o poeta mineiro recém-desenganado da ordem e da paz mundial, recém-renunciante aos símbolos socialistas de *A rosa do povo*, burocrata maduro e intelectual burguês, o poeta mineiro buscava simbolicamente sua estrada de origem, seu atávico gauchismo, fazendo deste não mais uma pedra de toque dentro do humor modernista, mas um símbolo clássico, perene e... paradoxal de seu trágico desajustamento. (VILLAÇA, 2006, p. 105-6)

Passando à questão do autoritarismo, central para nosso trabalho, encontramos referências breves, porém importantes na obra de Villaça. Conquanto o assunto não seja tomado como problema específico, a temática autoritária é discutida quando materializada em uma instituição ou pessoa, por exemplo, a família ou a figura do pai.

Apesar de não estar no horizonte crítico dos trabalhos, temos neste *modus operandi* uma pista importante, ainda que o autoritarismo confunda-se, a seu ver, com as relações familiares. Atrevemo-nos a pensar que, se muitas vezes esta instituição aparece na poesia de Drummond perpassada pelo autoritarismo, é porque este não é um fenômeno restrito à família, mas também à história do país, afinal aquela não existe dissociada desta. Desse modo, não seria forçado pensar que o autoritarismo na poética drummondiana guarda íntima conexão com problemas de formação do país.

Note-se ainda que Villaça discute a relação entre lírica e contexto de produção nas décadas de 30, 40 e 50, no caso, as “estratégias estilísticas” lançadas por Drummond frente a tais épocas, o que demonstra uma sensibilidade do escritor para com o complexo momento histórico que teve de lidar; e isto inclui igualmente o problema da forma literária e a atuação política, duas pedras no sapato do poeta mineiro.

Outro trabalho recente, de menor extensão, mas não menos intenso, é “Drummond e o mundo”, de Wisnik (2005), também publicado recentemente na coletânea de ensaios **Poetas que pensaram o mundo**.

Semelhante aos trabalhos comentados acima, o ensaio procura, a partir de um problema bem definido, discutir a importância da palavra “mundo” na obra poética de Drummond, em especial, até a década de 60. Tanto assim que o autor se debruça, dentre outros, sobre “Poema de sete faces”, “Procura da poesia”, chegando em “A máquina do mundo”, a fim de pensar a recorrência dinâmica e tensa dos “mundos” nestes textos. Nesse sentido, além de ser o objeto de pesquisa, como indica o título, o termo “mundo” se transforma em categoria analítica de seu ensaio; dada sua vivacidade, o “mundo” desempenha, para Wisnik, uma função semelhante ao “gauche” discutido por Villaça.

Talvez a grande colaboração do texto “Drummond e o mundo” à fortuna crítica do poeta mineiro seja o aprofundamento proposto entre poema e contexto de produção. Vale destacar que este diálogo ocorre ao longo de todo o ensaio, demonstrando uma

constante observação para a capacidade crítica que os versos drummondianos possuem, justamente por sua negação do *status quo*; aqui, tal como o faz Villaça, há um pano de fundo com a Escola de Frankfurt. O trecho é longo, mas vale a pena por sua clareza:

Não é difícil pensar no contexto histórico dessa posição rigorosamente **saturnina**. Sem apostar numa explicação causal para os fatos poéticos (já que poesia é máquina que produz anti-história, que transfigura e contradiz o tempo), é indispensável notar, em primeiro lugar, que a poesia de Drummond inaugura, no Brasil, uma reflexão sobre o (não lugar) do indivíduo solitário na massa urbana, (...) Em segundo lugar, é uma poesia que se desenvolve no arco da montante e da precipitação da Segunda Guerra Mundial, vivida intensamente e a distância: o estado do mundo é a conflagração e a conflagração mundializada inclui e não inclui o sujeito, cujo “sentimento” remói um conflito universal próximo e longínquo, que clama com urgência dos confins da Europa e se insinua no cotidiano do Estado Novo (em que “o espião janta conosco”). (WISNIK, 2005, p. 24)

Pelo trecho citado, notamos haver duas esferas bem delimitadas: uma é o “(não) lugar do indivíduo” no mundo capitalista do país durante a primeira metade do século XX; a outra esfera diz respeito ao mundo histórico, no qual o sujeito sem lugar tem sua situação de cisão aumentada devido ao conflito bárbaro comandado pela técnica, ao mesmo tempo em que ele se vê em um regime autoritário, tão bem apontado pelo “espião que janta conosco”.

Coloca-se, desse modo, a negatividade como categoria central empregada por Wisnik para entender estes mundos drummondianos; é, pois, um traço que perpassa o olhar do poeta frente às pernas de várias cores, à dificuldade de sentir as dores do mundo e agir para tentar transformá-lo. O resultado, além do olhar negativo do sujeito lírico, são a melancolia, advinda de seu impasse entre ver e mover o mundo, e a fragmentação por não encontrar nem no espírito nem na matéria histórica totalidade capaz de torná-lo pleno de sua existência. Outro ponto produtivo em sua argumentação é a consciência de que tais eventos na poesia de Drummond se processam não por uma suposição do leitor, mas pelo trabalho com a linguagem, a qual só carrega uma variedade de mundos, por ser ela também dramática e solitária, dado que o discurso só existe na história. Em suma, os estudos desde os anos 90 se pautam por abordagens e categorias diferentes das recorrentes na fortuna crítica do escritor produzida entre os anos 40 e 80. Dentre estes aspectos destaco a **melancolia**, o **choque**, a **fragmentação**, o **impasse**, a **ruptura temporal**, de que trataremos mais adiante no capítulo de análise dos poemas. Ressaltamos estarem tais leituras, por muitas vezes, em diálogo constante com os trabalhos de pensadores como Adorno e Benjamin acerca das relações entre lírica e sociedade, o que permite outras hipóteses para elementos expressivos inéditos na literatura brasileira. Ao mesmo tempo procuram lançar mão e desenvolver outras categorias de abordagem capazes de dialogar com um modo de escrita que foge ao paradigma de produção e interpretação canônica da poesia de Drummond, em especial, em relação ao livro **A rosa do povo**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR., David **Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond**. São Paulo: Cosac & Naify. 2002.
- BRAYNER, Sonia. (Org.) **Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.
- CAMILO, Vagner. **Drummond: Da rosa do povo à rosa das trevas**. Cotia: Ateliê Editorial. 2000.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades. 1995.
- . Fazia frio em São Paulo. In: **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GINZBURG, Jaime. Drummond e o pensamento autoritário no Brasil. In: CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.) **Drummond: poesia e experiência**. Belo Horizonte: Atlântica. 2002.
- GLEDSON, John. **Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Duas cidades. 1981.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. Rebelião e convenção. In: BRAYNER, Sonia (Org.). **Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.
- LIMA, Luís Costa. O princípio-corrosão na poesia de Carlos Drummond de Andrade. In: **Lira e antilira**: Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.
- LINS, Álvaro. **Jornal de crítica**: 5ª série. Rio de Janeiro. José Olympio. 1947.
- MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de. (Org.). **Modernidades tardias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MILLIET, Sérgio. **Diário crítico de Sérgio Milliet**. 2. ed. São Paulo, Martins/Edusp. 1981, vol. III.
- SIMON, Iumna Maria. **Drummond: uma poética do risco**. São Paulo: Ática. 1978.
- VILLAÇA, Alcides **Passos de Drummond**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- WISNIK, José Miguel. “Drummond e o mundo”. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005
- TELLES, Gilberto Mendonça. **Drummond: a estilística da repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.